

Tudo, imediatamente

François Ansermet

O que caracteriza o simbólico no Século XXI, e inscrever-se numa nova relação ao tempo: um tempo do *tudo*, *tudo imediatamente*, que está junto a uma hiperatividade generalizada e uma atenção dispersa, difratada, fora do tempo. Em ressonância com esse tempo hiper-moderno, não é surpreendente que a hiperatividade e o déficit de atenção tornem-se distúrbios predominantes, paradigmáticos do mundo tal com ele se torna. Resta para a psicanálise pensar uma conduta do tratamento capaz de receber um sujeito levado na precipitação do tempo.

A clínica e o mundo hiperativo

Uma cultura da hiperatividade e da atenção sobrestimulada predomina nos múltiplos registros. A hiperatividade é valorizada. A atenção se dispersa no *zapping*. Estamos no reino da ligação permanente sobre os dispositivos dessubjetivantes, entre telefones portáteis e sistemas de comunicação virtual que chamam sem parar a atenção sobre outra coisa, sem saber aonde tudo isso irá levar.

Quais as consequências para a clínica? É preciso que realizemos que existem sintomas que não podemos destacar do mundo simbólico no qual se produzem sintomas que ultrapassam o sujeito, que de alguma maneira não lhe pertencem. Sintomas que finalmente não são sintomas, mas sim sistemas de gozo, nos quais o sujeito se aliena em eco à cultura dentro da qual se encontra imerso, submerso.

O *Tudo, imediatamente* constitui o próprio do mundo contemporâneo, que é aquele do direito a um gozo sem limite, sem demora, sempre

maximal, e que se reivindica como um direito à satisfação. Nesse contexto, pode-se perguntar se o tempo hiperativo não é também um tempo fora do tempo, um tempo difratado em múltiplos sistemas de gozo que implicam objetos, *gadgets* prometedores de um gozo imediato e desmultiplicado: finalmente, um corpo aparelhado sobre sistemas externos, às vezes virtuais, sistemas artificiais a serviço de um gozo que termina por transbordar o sujeito.

Uma busca insaciável

O que faz o sujeito correr mais rápido do que o tempo? Atrás de que ele corre? De que procura se trata? O hiperativo é submetido à pressão do objeto perdido, perdido desde sempre¹. Através dessa insaciável exigência² se manifestam as múltiplas vias que o sujeito toma emprestado para a recuperação desse mítico objeto perdido, no coração de uma suposta experiência de satisfação. Mas essa terá verdadeiramente acontecido, ou seria uma retro-projeção sobre a base de uma insatisfação? Se há uma insatisfação é porque poderia haver aí uma satisfação. E eis o sujeito correndo atrás dela.

Lacan nos convida a explorar as vias dessa busca, em particular na leitura que dá nos Seminários XVII e XVIII³, onde cada vez mais uma variedade de objetos modernos se articula ao “mais de gozar” – objetos que tomam corpo daquilo que foi “*cortado de mim*”, para retomar sua expressão no Seminário sobre a Angústia⁴. Trata-se, portanto, de “recuperar” algo perdido: eis aí aquilo pelo qual o hiperativo é movido, no qual a atenção, voltada para aquilo que não é,

1 LACAN, Jacques (1970) O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

2 Ver a esse propósito a excelente discussão de Elizabeth Leclerc-Razavet, *L'enfant e les objets de la civilisation, Psychanalyse et politique*, Le Blog de l'Ecole de la Cause freudienne, 13 mai 2010.

3 Com aponta precisamente Elizabeth-Leclerc-Razavet, op.cit

4 LACAN Jacques. (1962-1963) O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

se perde nessa busca. É assim que se mergulha no tempo do *tudo*, *imediatamente*, o tempo hiperativo, conectado a múltiplos objetos “*mais de gozar*”.

O que está no coração da hiperatividade e do déficit de atenção, é, com efeito, a entrada em jogo do “*mais de gozar*”, através do dispositivo⁵ do objeto, para arrolhar o buraco da angústia.

Escapar do tempo

Trata-se de escapar à lei do tempo. Escapar do tempo é escapar da perda: é isso o *tudo*, *imediatamente*. A hiperatividade anula o tempo, no projeto de conservar tudo: não somente que nada se perca, mas de tornar possível uma recuperação do que tenha sido perdido; recuperação de um gozo perdido através da colocação em função do *gadget* como objeto mais de gozar. A palavra “recuperação”, utilizada por Lacan, é interessante porque equivoca; recuperação em francês significa de um lado se recuperar, se refazer, e de outro a recuperação de dejetos. Quer dizer que a ideia de recuperação põe em jogo de um lado o objeto como dejetos, e de outro o objeto como precioso. Podemos assim passar da causa do desejo ao dejetos, sem transição:

é próprio ao *gadget* ter essa característica. Com o *gadget*, queremos escapar do tempo recriando sempre um tempo renovado através da novidade do objeto. Mas é uma corrida infinita, onde dois modos de recuperação impossíveis se conjugam, se amarram em torno de um “*mais-de-gozar*” que obriga, onde não há mais do que a exigência do *tudo*, *imediatamente*, que não cessa de impor suas repetições. Como o indica Jacques-Alain Miller⁶ a propósito do gozo,

pode-se opor de um lado um gozo-excesso, caracterizado pelo transbordamento, pelo ultrapassamento total de toda regulação, e de outro lado um gozo-satisfação, onde se constitui um novo estado de equilíbrio no desequilíbrio, cada vez mais coercitivo e custoso. Pode-se aproximar a exigência desse gozo-satisfação ao que rege o mundo hiperativo contemporâneo, no fora-do-tempo do *tudo*, *imediatamente*.

A psicanálise com reinvenção do tempo

O fazer de uma psicanálise em face desse *tudo*, *imediatamente*, toca o manejo do tempo, como pivô de um tratamento da hiperatividade. Para sair da hiperatividade trata-se de fato de realizar uma espécie de reentrada no tempo. O *tudo*, *imediatamente*, hiperativo é sem atenção, sem antecipação, sem passado: é um *tudo*, *imediatamente*, sempre no presente. Na hiperatividade o tempo está mal posto. Talvez seja daí também que venha o distúrbio de atenção. Se estamos apenas no imediato, eis-nos sem passado e sem futuro. O hiperativo está num imediato permanente. Um tempo ilógico, um tempo sem lógica temporal. O hiperativo está sem tempo lógico, ou melhor, em um tempo lógico remetido ao instante de ver. Está num “*não tempo/não lugar*”⁷ no qual vêm se engolfar os objetos da civilização. O mercado se precipita nesse instante eternizado, a serviço de um “*mais-de-gozar*”⁸ cada vez mais efêmero.

Esses objetos “*mais-de-gozar*” são objetos sem história, permutáveis ao infinito. No entanto, no um por um, eles são tomados em uma história a de cada sujeito que sonha com seus objetos, que inventa cenários. É a fábrica do cotidiano,

⁵ Poderíamos desenvolver a relação de objeto mais de gozar “*plus-de-jouir*”. Naquilo que Giorgio Agamben define como o dispositivo, que poderia ter um valor subjetivante, mas que sob a pressão do *mais-de-gozar* e da satisfação a qualquer preço, todos azimuts, acaba por ser desubjetivantes; veja-se Giorgio Agamben, *Les dispositifs*, Payot, Rivages, Paris, 2009.

⁶ MILLER Jacques-Alain, curso de 14.01.2009.

⁷ Hanna Arendt fala de um “pequeno não-espaco-tempo”, [...] que não pode ser transmitido ou herdado do passado”. Hanna Arendt, *A crise na cultura*, Folio, Essais, Paris, 2007, p.24.

⁸ LACAN Jacques.(1973) “*Televisão*”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

sua invenção⁹, além daquilo que é imposto. O dispositivo pode ser alienante, dessubjetivante¹⁰, mas pode também se integrar às estratégias do sujeito, segundo seu desejo, no um por um. A linha de divisão se passa entre o que é imposto e o que é inventado, entre o que está conectado a um sistema de gozo que constrange e o que disso se desconecta em função do sujeito. Cada um pode utilizar o dispositivo ou o *gadget* fora do tempo a sua própria maneira, em função de sua história, de seu desejo, para alojá-lo em seu próprio tempo, diferente do fora do tempo que lhe é imposto. Cada um pode encontrar um uso particular do objeto, outra maneira que não seja aquela prescrita pelo mercado, um modo próprio ao sujeito, onde ele o faz ter um papel, onde ele o coloca em cena, numa temporalidade que lhe é própria.

Essa é a aposta da análise: além do fator imediato, que o hiperativo se impõe em ressonância com a época e o mercado no fora do tempo, reintroduzir a escansão do tempo do sujeito, reintroduzir a escansão do tempo, a de um tempo lógico, mais do que a de um tempo que é feito apenas de um instante que gira, acelerado sobre si mesmo.

Seja como for, para sair disso, é preciso passar pelo corte. Repassar pelo instante de ver, fazendo dele novo uso. Tudo se passa no instante. Penso que a clínica da hiperatividade, do tempo hiperativo, nos obriga a distinguir entre o instante de ver e o instante de “ver o momento de concluir”, de apreender sua necessidade (se posso acrescentar esse novo modo de considerar o momento de concluir). Para que o instante seja descontinuidade, é necessário que haja um tempo. Com o *tudo, imediatamente* hiperativo, estamos em um instante eternizado: o instante de ver engole o tempo. Para sair disso é preciso

introduzir o momento de concluir como corte, a ser realizado no instante. O instante, quando não é da ordem do *tudo, imediatamente*, introduz uma descontinuidade na temporalidade, um corte na circularidade da hiperatividade, como um momento de acordar.

O instante de corte vai contra a continuidade do gozo. Eis o que é o princípio do tratamento do tempo hiperativo, da atenção dissipada pela hiperatividade. O instante reintroduz uma liberdade: o corte do instante faz com que não se esteja mais determinado pelo que era estando face ao desconhecido do que será. O instante é o que vai contra o não-tempo do gozo: o instante é o que permite a cada sujeito reinventar-se de modo novo, além daquilo a que sua busca de uma recuperação de gozo o obrigava.

01.05.11

Tradução: Elza Marques Lisboa de Freitas.

⁹ Michel de Certeau, *L'invention du quotidien*, 10/18, 2 vol, Paris, 1980.

¹⁰ Giorgio Agamben, *Les dispositifs*, op. cit.